

Eu, o saber, não falo

Luciana Guarreschi

Resumo

Partindo do texto “A coisa freudiana ou o Sentido do retorno a Freud em psicanálise” (Lacan, 1956/1998), mais especificamente da conhecida prosopopeia lacanian “Eu, a verdade, falo”, a autora produz uma pequena paródia com seu título “Eu, o saber, não falo”, com o objetivo de traçar um caminho o qual toda análise digna desse nome deveria percorrer, que poderia ser enunciado “da busca pelo saber ao furo no saber”. Para tal construção, foi necessário ir a outro texto: “A psicanálise e suas relações com a realidade” (Lacan, 1967/2003a), em que Lacan defende a incomunicabilidade do saber do analista. Como, então, sustentar esse saber, que não fala, sem fazer mistagogia e pender para o obscurantismo religioso sem que o desejo do analista esteja em jogo?

Palavras-chave:

Saber; Limite do saber; Desejo de analista.

I, knowledge, I do not speak

Abstract

Starting from the text “The Freudian thing or Sense of the return to Freud in psychoanalysis” (Lacan, 1956/1998), more specifically from the well-known Lacanian prosopopeia “I, the truth, speak”, the author produces a small parody with her title “I, knowledge, I do not speak”, with the aim of tracing a path along which every analysis worthy of the name should follow, which could be stated “from the search for knowledge to the hole in knowledge”. For this construction, it was necessary to go to another text: “On psychoanalysis in its relations with reality” (Lacan, 1967/2003a), in which Lacan defends the incommunicability of the analyst’s knowledge. How, then, can we sustain this knowledge, which does not speak, without engaging in mystagogy and leaning towards religious obscurantism without the analyst’s desire being at stake?

Keywords:

Knowledge; Limits of knowledge; Analyst’s desire.

Yo, el saber, no hablo

Resumen

A partir del texto “Lo freudiano o Sentido del retorno a Freud en el psicoanálisis” (Lacan, 1956/1998), más concretamente de la conocida prosopopeya lacaniana “Yo, la verdad, hablo”, la autora produce una pequeña parodia con su título “Yo, el saber, no hablo”, con el objetivo de trazar un camino que debe seguir todo análisis digno de ese nombre, que pueda afirmarse “de la búsqueda del saber al agujero del saber”. Para esta construcción fue necesario acudir a otro texto: “Sobre el psicoanálisis en sus relaciones con la realidad” (Lacan, 1967/2003a), en el que Lacan defiende la incomunicabilidad del conocimiento del analista. ¿Cómo, entonces, podemos sostener este conocimiento, que no habla, sin caer en la mistagogia e inclinarse hacia el oscurantismo religioso sin que esté en juego el deseo del analista?

Palabras clave:

Saber; Límite del saber; Deseo del analista.

Moi, le savoir, je ne parle pas

Résumé

A partir du texte « La chose freudienne ou Le sens du retour à Freud en psychanalyse » (Lacan, 1956/1998), plus précisément de la célèbre prosopopée lacanienne « Moi, la vérité, je parle », l’auteur produit une petite parodie avec son titre « Moi, le savoir, je ne parle pas », dans le but de tracer un chemin que toute analyse digne de ce nom devrait suivre, qui pourrait s’énoncer comme « de la recherche du savoir au trou dans le savoir ». Pour cette construction, il a fallu recourir à un autre texte: « La psychanalyse dans son rapport au réel » (Lacan, 1967/2003a), dans lequel Lacan défend l’incommunicabilité du savoir de l’analyste. Comment alors soutenir ce savoir qui ne parle pas, sans le rendre mystagogique et tendre vers l’obscurantisme religieux sans que le désir de l’analyste soit en jeu ?

Mots-clés :

Savoir; Limite du savoir; Désir de l’analyste.

Aconteceu-me de ouvir de um colega: “ahh, não fui mais para a análise, são muitos anos, não há nada que eu já não saiba...”. Uma resposta me vem à ponta da língua: só não sabe não saber. Engulo-a rapidamente, pois não alcançarei eu o que seu analista, vestido do manto da transferência, não alcançou. Engoli-a lá, retomo-a aqui.

Só não sabe não saber... caro saber esse, e não estou me referindo ao financeiro. Tampouco ignorando o fato de que os analistas sabem muitas coisas, mas apontando para o que eles precisam *mesmo* saber, um imprescindível, sem o qual não é possível dizer que há um analista ali, embora possa haver excelentes profissionais da psicanálise. A resposta que me vem à ponta da língua esclarece que, por mais articulações que se possam fazer — e ficamos bons nisso com os anos e a prática —, o saber que interessa à psicanálise “se especifica exatamente por não saber tudo” (Barros, 2023). Doce sonho de meu colega, que, apoiando-se nos vínculos infinitos entre S1 e S2 — “são muitos anos” —, ilude-se que nada mais é preciso saber, deixando escapar justamente a radicalidade da prática analítica.

Radicalidade difícil de ser sustentada desde sempre, se nos guiarmos pela coisa freudiana.¹ Nesse texto, criticando o a-historicismo da cultura, próprio dos Estados Unidos, mas também do Brasil, Lacan (1956/1998, p. 404) diz que “a conjuntura era forte demais, a oportunidade sedutora demais para que não se cedesse à tentação oferecida: abandonar o princípio para fazer repousar a função da diferença”. Mas é qual a natureza dessa tentação de abandonar o princípio que restauraria a “ponte que une o homem moderno aos mitos antigos” (Lacan, 1956/1998, p. 403)?

Certamente, não é a tentação do lucro ou *facilities*, mas a de atar-se à demanda e subjugar nossa função. Função que fundamenta nossa diferença, qual seja, nosso princípio antidemocrático, aquele que “recobre a dualidade daquele que sofre e daquele que cura pela oposição entre aquele que sabe e aquele que ignora” (Lacan, 1956/1998, p. 404). Logo, o que cura ignora; o que sofre sabe; não há democracia, ou, ainda, não há igualdade de saberes na relação analítica. Esse é nosso princípio, palavra forte, dado que é o que está na base, primeiro, algo de que não se pode abrir mão sem que todo o resto desabe. Abdicar desse princípio é tornar-se um “administrador de almas”, acusa Lacan (1956/1998, p. 404), em um contexto social que demandava isso, e ele se referia ao pós-guerra.

Mas não seria nossa atual conjuntura neoliberal pós-pandêmica igualmente forte e sedutora demais? E à qual há uma horda de “psis” administradores para responder, pela via das novas especializações,² complementos de saberes, busca

1 Lacan, 1956/1998, p. 402. Mas também *Das Ding*, o ICS, *Unbewusste*, *Une-bévue*, outros nomes da coisa freudiana.

2 Os estudos e especializações são sempre bem-vindos, desde que não vendam a esperança de que a partir deles se terá o saber necessário para ouvir o outro.

regida por “o que mais preciso saber para atingir a saúde mental³ de meu paciente?”. Ao que parece, estamos precisando dizer de novo, se é que um dia paramos de dizer, o que a psicanálise não é. Retornar, mais uma e outra vez, à hiância — apresentada por Freud pela terceira ferida narcísica, pela descentralização da razão —, à própria coisa freudiana, ao inconsciente, à verdade da castração.

Assim, se, para os “psis”, a dúvida repousa nos saberes insuficientes, daí o empuxo para mais especializações, do lado do analista é a suspensão de saber que está em jogo, que só pode dar-se na passagem de analisante a analista, momento em que, com um pouquinho de sorte — o que significa dizer levando em conta a contingência —, o desejo de analista é parido. Tal nascimento invoca a possibilidade de que alguma de criação venha incidir no infinito de nossas repetições, na medida em que outro lugar aí é criado, o da possibilidade de se fazer objeto *a* “se faz[er], a ser entendido: se faz produzir objeto *a*: com objeto *a*” (Lacan, 2003c, p. 375).

No exato instante em que a humildade do limite de tudo saber se impõe, expondo a falha do saber, seu furo, sua imensurabilidade, o sujeito se vê aí subvertido em um “não penso”:

Cabe, portanto, afirmar que o psicanalista, na psicanálise, não é sujeito, e que, ao situar seu ato pela topologia ideal do objeto *a*, deduz-se que é ao não pensar que ele opera. *Um “eu não penso” correto, com efeito, deixa o psicanalista suspenso na ansiedade de saber onde lhe dar lugar, para pensar a psicanálise, apesar disso, sem ficar fadado a falhar com ela.* (Lacan, 2003c, p. 373, grifo nosso)

Ou seja, apesar desse “eu não penso” que marca a posição do analista, ele está fadado a continuar a pensar a psicanálise, pois, caso contrário, falhará com ela. É infernal para o analista; a cada paciente que sai e nos minutos antes que outro começa a falar, a cabeça é invadida por hipóteses, ruminções diversas, quando não pequenas condenações. Enfim, é um trabalho insalubre. Mas basta que outro paciente entre para que a cabeça se esvazie e passe a operar novamente esse “eu não penso”, posição desnaturada, forjada a sangue, suor, lágrimas e risos em um divã.

Posição que advém no instante do limite ao tudo saber, como dito anteriormente, limite que opera uma transformação no saber, pois deixa o analista *em suspenso na ansiedade de saber*, única maneira possível de poder escutar aquele que, com nosso ato de recebê-lo, aceitamos supor a ele um sujeito, não qualquer um, mas aquele que

3 Deixo de lado o que viria a ser a tão falada “*mental health*” para a psicanálise, embora essa discussão pudesse ser bastante profícua para o momento atual, na medida em que pululam propagandas e aplicativos que vendem “*terapia online* no conforto de sua casa para cuidar de sua saúde mental”. Cf. *Wiser than me with Julia Louis-Dreyfus*. Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=koynWtVe2-M>

“sabe mais do que ele acha saber” (Lacan, 1976-1977). Enfatizando a função de saber do engano (*une-bévue*), outro nome do inconsciente, o analista dispensa a duradora e gozosa busca por mais saber, dissolvendo o determinismo do sentido.

A transformação se centra exatamente aí. Nossa busca é a de sustentar a incoerência de um saber que possibilite sermos ignorantes do outro que escutamos, para só assim termos a chance de não falhar com a psicanálise. É esse incoerente saber que nos deixa ignorantes, e que “é preciso dizer, não exclui o emburrecimento” (Lacan, 1976-1977), que me veio à ponta da língua: só não sabe não saber.

Mas isso não é tudo, embora isso já seja bastante grande, uma vez que marca a diferença entre a posição do psicanalista e de outros “psis”, ao mesmo tempo que delinea a direção dos tratamentos que conduzimos, criando condições para que o ato analítico ocorra. Lembrando que o “ato não é a expressão de um “projeto”, de um cálculo de interesses. Ele é confrontação do sujeito com o que ele porta de “incurável”, de limite a toda expectativa de desejo de cura” (Safatle, 2020, p. 74). É para esse lugar que levamos nossos pacientes, e é desse lugar que eles fogem feito diabos da cruz.

Mas, enfim, isso não é tudo, pois o problema para nós, analistas, é outro: é que esse saber não fala. Esse saber, que por vezes nos gabamos de ter, apesar de sua insustentabilidade compreendida no “eu não penso”, esse saber analítico — esse saber não saber —, “ele não é portátil” (Lacan, 1967/2003a, p. 358). O que faz Lacan dizer, em 1967, que “os analistas são os sábios de um saber sobre o qual eles não podem conversar”.⁴ E é aqui que somos testados em nossa formação e em nossa maneira de se enlaçar — palavra a que adoramos dar um sentido apaziguador, mas que no fim do dia comporta também nossa maneira de não ter saco para o outro, tanto quanto para adorá-lo. Ao seguir os dizeres de Lacan, nós nos enlaçamos, nos associamos, mas justamente porque compartilhamos esse saber o qual não podemos compartilhar (Lacan, 1967/2003a).

Bom, esse saber não fala, mas isso não impede que ele passe em ato (Lacan, 2003b), diríamos mais, que ele só pode mesmo se transmitir assim. Agora, como não cairmos em uma mistagogia do não saber (Lacan, 2003a), ou seja, em um obscurantismo da experiência com esse “o saber passa em ato”? Risco sempre presente e há tempos alvo de críticas, inclusive por parte de Lacan, que se opôs a isso inventando um dispositivo — o passe — para tentar agarrar, capturar,

4 Lacan, 1967/2003a, p. 358. No original: “*Les psychanalystes sont les savants d'un savoir dont ils ne peuvent s'entretenir. C'est une autre affaire que la mystagogie du non-savoir.*” Embora *s'entretenir* seja traduzido pela edição em português como “cultivar”, “conversar” se aloca melhor ao parágrafo anterior, qual seja: “Daí sua associação com aqueles que só partilham com ele esse saber por não poder trocá-lo.” Sobre o sentido de *s'entretenir*: “être maintenu dans le même état ou dans un bon état: L'amitié s'entretient par de fréquents cadeaux. 2. Littéraire. Parler avec quelqu'un sur un sujet: Ils se sont longuement entretenus de ce problème” (*Dicionário Larousse*. Recuperado de <https://www.larousse.fr/>).

circunscrever, flagrar, clarear tanto a emergência do desejo de analista quanto sua transmissão.

Será que poderíamos considerar que essa afirmação “o saber passa em ato” não é mais que uma decorrência lógica do limite ao tudo saber, da constatação do furo no saber? A constatação de que há uma impossibilidade contida no tudo saber pregado pelo enaltecimento da razão? Vejamos que não são apenas os analistas que chegam a isso. *Ignoramus et ignorabimus* é uma expressão em latim que significa ignoramos e ignoraremos, que exprime o pessimismo acerca dos limites do conhecimento científico, por volta do século XIX. David Hilbert, famoso matemático alemão, em seu discurso de aposentadoria, acreditava que não poderíamos abraçar esse “ignoramos e ignoraremos”, e, em oposição a esse *ignorabimus* tolo, cunhou o *slogan* “Nós devemos saber, nós saberemos” (Reichenberger, 2019), *slogan* que poderíamos facilmente aplicar ao discurso da ciência, com seus benefícios e malefícios aí inclusos.

Acontece que, dias depois, Gödel apresenta seu teorema da incompletude demonstrando que, ainda que fossem utilizadas linguagens puramente simbólicas, desprovidas de qualquer significação, e métodos dedutíveis quase que mecânicos — o que chamamos de “lógica formal” —, era possível criar sentenças lógicas na aparentemente simples aritmética de Peano, que, embora fossem semanticamente verdadeiras, não poderiam ser demonstradas ou deduzidas a partir dos axiomas de tal teoria. *Grosso modo*, Gödel cria uma sentença cuja interpretação metamatemática seria “eu não sou uma sentença demonstrável” e, em seguida, demonstra que tal sentença não pode ser demonstrada. Assim, diante da impossibilidade desse “devemos saber, nós saberemos”, Gödel faz valer o *ignorabimus* (não sabemos).⁵ É desnecessário dizer que isso não significa uma parada na evolução do conhecimento, mas, antes, um avanço que leva em consideração este limite: há coisas que não saberemos. O que fazer?

Neste ponto, não posso deixar de lembrar o conhecido aviso freudiano sobre escutar cada novo paciente como se fosse o primeiro (Freud, 1912/1996, pp. 144-153). Esta foi a saída freudiana: contar com a impraticável possibilidade de ouvir um paciente como se fosse o primeiro, mesmo depois de anos de poltrona. No entanto, a partir do ponto de vista do “não saberemos”, do *ignorabimus* tolo, o intangível se torna factível e se faz em ato.

E a saída lacaniana? Há de me reconhecer, e para tal vou ensinar-lhes um truque: eu, o saber, não falo. Eu, o saber, faço ato.

5 Agradeço a Mauro Armond Di Giorgi a explicação rigorosa acerca desse momento da história matemática e suas consequências para a filosofia.

Referências bibliográficas

- Barros, E. (2023). *Que é a verdade? Prelúdio I*. Recuperado de <https://www.cam-polacaniano.com.br/2023-preludio-1/>
- Freud, S. (1996). Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise. In S. Freud. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. XII, pp. 144-153) (J. Salomão, Trad.). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Lacan, J. (1976-1977). *Séminaire 24 : l'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Lição 2. Inédito. Recuperado de <http://staferla.free.fr/>
- Lacan, J. (1998). A coisa freudiana ou o Sentido do retorno a Freud em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1956)
- Lacan, J. (2003a). A psicanálise e suas relações com a realidade. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2003b). Alocução sobre o ensino. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Lacan, J. (2003c). O ato psicanalítico – resumo do seminário de 1967-68. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.
- Reichenberger, A. (2019). From solvability to formal decidability: revisiting Hilbert's non-ignorabimus. *Journal of Humanistic Mathematics*, 9(1). Recuperado de <https://scholarship.claremont.edu/jhm/vol9/iss1/5>
- Safatle, V. (2020). *Maneiras de transformar mundos: Lacan, política e emancipação*. Belo Horizonte: Autêntica.

Recebido: 01/12/2023

Aprovado: 15/12/2023